



Elis Franco

Quem nos
salvará
de nós?

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

Os livros e as ilusões

Se o sofrimento é inevitável, se os problemas da vida também o são, a pergunta que devemos fazer não é 'Como paro de sofrer?', e sim 'Pelo que estou sofrendo? Com que propósito?'

Mark Manson

Quem me conhece sabe o quanto eu gosto de ler. Ler, para mim, é parte essencial da minha rotina e, assim como quem pratica um esporte, gosta de academia ou de jogar conversa fora, eu sempre dou um jeitinho de fazer minhas leituras semanais, por isso, carrego um livro na bolsa, lendo umas páginas sempre que é possível. Estar acompanhada por um livro me livra de ficar irritada na fila do banco, no consultório médico ou em qualquer outro espaço onde esperar é a regra.

Leio de tudo, sou desbloqueada para a leitura. Tenho interesse pelas diversas áreas do saber, desse modo, passo o olho em livros de temáticas interessantes, desde que não sejam muito técnicos. Mas eu percebo que há, por parte de alguns, certo preconceito pela leitura de livros considerados de autoajuda. E eu estou entre esses alguns, contudo, de um modo um tanto quanto

maleável, pois só não curto mesmo os autores que tentam nos engabelar, querendo nos fazer crer que somos as criaturas mais especiais do universo, bastando pensar positivo e agir que o mundo sorrirá para nós.

Recentemente, dentro da linha de autoajuda, encontrei dois livros que me chamaram atenção. O primeiro é *O ego é seu inimigo*, de Ryan Holiday, classificado como “administração pessoal”. O segundo é *A sutil arte de ligar o foda-se*, de Mark Manson, descrito como sendo “autorrealização”. Daí fiquei pensando que há uma autoajuda mais água com açúcar, esta que diz que tudo é lindo e fomos feitos para sermos vitoriosos, assim como afirmam certos líderes religiosos; e outra que nos dá um choque de realidade, fazendo-nos crer que não somos esta Coca-Cola toda que imaginamos.

Holiday, por exemplo, afirma que “Quase sem exceção, é isto que a vida faz: pega nossos planos e os rasga em mil pedacinhos. Em alguns casos, só uma vez. Em outros, várias”. Quem de nós já não viu nossos planos serem desintegrados de uma hora para outra e achou a maior injustiça do mundo? Pois é, viver não tem muita lógica e, por mais que tentemos alinhar nossos passos, há momentos em que o trem descarrilha e o jeito é juntar os cacos, quando isso é possível.

Manson, por sua vez, postula “que estamos enfrentando uma epidemia de cegueira psicológica que faz as pessoas não enxergarem que é normal as coisas darem errado de vez em quando”. Na minha e na sua vida, certamente, inúmeras coisas deram certo, às vezes até sem termos planejado. Mas tantas outras nos

fizeram crer que éramos fracassados, pois vivemos em uma cultura que valoriza o sucesso a todo custo, um padrão de vida de certas pessoas famosas que contam apenas seus acertos, suas conquistas, sem deixar evidente quantos desafios enfrentaram para chegar onde chegaram.

Vencendo meu preconceito, pude perceber o quanto determinadas obras, *best-seller* ou não, podem, de algum modo, melhorar a nossa capacidade de lidar consigo e com o outro. É preciso, porém, fazer uma triagem e não acreditar em tudo quanto é *coach*, esta raça que tem se espalhando pelo mundo, pagando um diploma nas “uniesquinas” e sem ter um mínimo de noção do que é a vida real.

Falando em *coach*, certa vez, fui a um evento de formação de professores, e uma criatura dessas pediu para fecharmos os olhos e imaginarmos algo que gostaríamos de possuir. Apesar de não gostar dessas babaquices, fechei os meus, pois não queria ser do contra. Quando estava começando a pensar no meu desejo, o infeliz gritou de lá, dizendo da possibilidade de termos uma Ferrari na garagem. Fiquei enfurecida e não consegui pensar em mais nada.

Quando a palhaçada terminou, ele pediu para que fálássemos no que pensamos, já que, de acordo com a sua teoria, podemos concretizar tudo que criamos na mente. Desta vez, porém, fui do contra e afirmei não ter pensado em nada, pois o desejo que ele tinha para si atrapalhou a manifestação do meu desejo, que nada tinha a ver com carro de luxo, sobretudo nas maravilhosas estradas brasileiras.



Pensando nesta coisa de a vida ser boa, dos deuses, sejam eles quais forem, estarem ao lado de seus eleitos, creio que a nossa melhor autoajuda será tentar nos reencontrarmos em meio ao caos, assumindo certa dose de pessimismo que nos ponha em alerta para os desacertos possíveis. E assim como Manson, também acredito que “Nem sempre dá para controlar o que acontece conosco, mas sempre podemos definir nossa interpretação dos acontecimentos e nossa relação a eles”. Isso é autorrealização. E pouco tem a ver com aquisição de fama, bens materiais ou poder.

Feira de Santana, 24 de março de 2018
Refletindo sobre minhas perdas e ganhos.

Meu cartão de visita

Há uma informação estéril, há um espaço pedagógico estéril, há uma comunicação estéril, que é aquela que não gera a capacidade de elevação em relação ao que já se tinha.

Mario Sergio Cortella

O mundo digital, sem sombra de dúvida, oferece-nos um espaço de sociabilidade, ainda que não presencial, incrível. Nossas redes sociais cumprem o papel de divulgarem o perfil que almejamos destacar, seja ele positivo ou negativo. Sejamos nós pessoas famosas ou não, certamente não estamos imunes ao olhar daqueles que nos acompanham, nos seguem e, de algum modo, inspiram-se em nós ou sentem uma dorzinha de cotovelo diante de nossas vivências e práticas.

Há quem publique imagens, compartilhe pensamentos e faça comentários nas redes de modo arbitrário, sem levar em conta a profissão que exerce, o que é um direito de cada um, afinal, todos devem fazer de suas vidas o que acharem mais pertinente. Todavia, como as redes servem como nosso cartão de



visita, é bom estarmos atentos às consequências de apresentarmos um perfil que contribua ou não para aquilo que esperamos ser notório em nós.

Eu, por exemplo, busco usar minhas mídias sociais de modo a não esconder o que sou, o que gosto de fazer; as ideias que defendo e, além disso, partilhar um pouco de minha vida e experiências. Sou festeira, publico fotos das festas às quais vou; gosto de viajar, e lá se vão as imagens dos lugares por onde passo; alegro-me quando encontro meus amigos, registro esses momentos também. Sei que isso pode não interessar a muita gente, no entanto, caso as pessoas não gostem, é tão fácil deixar de seguir, não é?

Para além do desejo narcisista de postar umas *selfies*, uma foto com aquele *look* da moda, aprendi a usar meu *Instagram* e *Facebook* para divulgar duas práticas norteadoras da minha existência: ler e ensinar. Estou em sala de aula desde 2013 e, de lá para cá, tenho buscado aperfeiçoar meu modo de promover a aprendizagem dos alunos e aprender com eles, desse modo, atrelado ao fato de ser uma leitora apaixonada, leio, leio muito, a fim de especializar-me no que faço. Nesse sentido, posso dizer que sou socrática e, a cada dia, afirmo saber o quanto não sei quase nada ainda.

Para minha felicidade, ensino literatura e produção de texto (não gosto do termo produção, mas por hora é o que tenho), assim, posso unir o útil ao agradável, lendo sem moderação, tanto para aprender mais quanto para ensinar melhor. Por isso, minhas redes são recheadas de atividades em sala de aula,

às vezes elaboradas por mim, outras vezes inspiradas em práticas de colegas ou em livros lidos. Esse é o meu modo de fazer o saber circular, pois eu, muitas vezes, observo os bons exemplos de outros profissionais para aplicar com meus alunos. Não há por que ter medo de sermos copiados, já que nós também copiamos outras pessoas.

Além das atividades em sala, posto as leituras que faço, visto que, para mim, é uma maneira de divulgar as obras para leitores iniciantes ou experientes que, a partir de então, podem pedi-las emprestadas a mim ou comprá-las. Na verdade, esse é o meu modo de ajudar, ainda que seja de uma maneira pouco tradicional, a formar leitores, ou, como afirma o escritor e jornalista Gilberto Dimenstein, fazer uma curadoria de textos que considero interessantes, os quais podem agradar a alguns dos meus seguidores.

Sei que para muitos isso é exibicionismo. Sei também que podem achar que não leio tudo que posto, mas eu, como não costumo atribuir ao outro aquilo que eu não sou capaz de fazer, prefiro achar que pensam desse modo por morarmos em um país onde o nível de leitura não é tão alto assim. Estão perdoados pelos julgamentos de valor pré-concebidos. Continuarei postando meus livrinhos, emprestando-os a quem os deseje, mas torcendo para que retornem ao meu convívio.

No mais, aquilo que minhas redes exibem tem aberto caminhos para mim, não apenas profissionais, mas a aproximação com pessoas que têm interesses semelhantes e gostam de trocar ideias. Fico feliz quando alguém fala sobre minha paixão pelos



www.editorapenalux.com.br



elis.angela@hotmail.com



[@ellisfranco](https://www.instagram.com/ellisfranco)



[elis.franco.1](https://www.facebook.com/elis.franco.1)

Livros iluminam

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em agosto de 2021.